

Bancos defendem a volta rápida do Brasil ao FMI

Nova Iorque — Sem um acordo do Brasil, com o FMI o mais rápido possível e medidas para conter o déficit público e a inflação brasileira pelo Ministério da Fazenda, os banqueiros credores consideram difícil que consigam vender o acordo de US\$ 5.8 bilhões entre o comitê credor e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Mesmo assim, a grande maioria considera difícil mas não impossível e por isso as negociações continuam em Nova Iorque sobre os pontos ainda pendentes no acordo, como o período de carência da dívida antiga, as linhas comerciais, o empréstimo-ponte (um adiantamento dos US\$ 5.8 bi) para cobrir parte dos juros a partir de abril e também a data da assinatura. O presidente do BC, Fernando Milliet, chegou a Nova Iorque pela manhã mas passou o dia em reunião interna com o diretor da Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas e não quis falar sobre o acordo.

Muitos banqueiros credores

tiraram o dia de ontem (hoje) de folga. Mas os que foram aos bancos americanos estavam esperando os resultados da missão brasileira em Washington junto ao FMI. «Vai ser difícil de vender o acordo como está. O Brasil está sem crescimento econômico e com uma inflação de 20% ao mês. Um acordo com o FMI o mais rápido possível ajudaria o acordo com os bancos. Há vários pontos ainda não acertados como a rolagem do principal, o crédito de curto prazo, o parcelamento dos US\$ 5.8 bilhões e alguns bancos inclusive querem que o acordo aqui de Nova Iorque fique ligado a um acordo com o FMI», disse uma fonte credora à Agência Globo ressaltando ainda que o acordo que tinha sido feito em Nova Iorque «era inédito já que nada tinha sido acordado até o momento entre o Brasil e o Fundo». O Brasil é contra ligar o acordo com os bancos a um acordo com o FMI para evitar que os desembolsos dos bancos estejam vinculados aos desembolsos do Fundo.

Inflação

Até o final do dia o Brasil ainda não tinha pago juros referentes a janeiro e fevereiro num total de US\$ 700 milhões. Apesar da divulgação do saldo comercial de janeiro de US\$ 1.3 bi, os bancos estavam preocupados com a divulgação da inflação do mês e a expectativa era de um acordo com os bancos estar vinculado a um acordo do Brasil com o FMI.

Em Wall Street, os bancos credores dos Estados Unidos já começaram a colher os primeiros frutos do acordo. Todas as ações dos bancos credores subiram como explica James Mcdermott, presidente da Keefe Bruyette and Woods, firma especializada em bancos e seus investimentos na América Latina.

Sem dúvida alguma é um grande sinal para os bancos e para o mundo financeiro em geral. As ações começaram a subir depois que mudou a postura do Brasil nos últimos meses em relação à dívida. O acordo marca o retorno do Brasil ao mercado», disse Mcdermott.

Alta

A volta do Brasil ao mercado deu ao Morgan Guaranty Trust, quinto maior credor, uma alta de US\$ 0.75 por ação. O Chase Manhattan Bank e o Chemical Bank, respectivamente, segundo e sexto maiores credores do Brasil tiveram uma alta de US\$ 0.5 por ação e o Citibank, maior credor do País no exterior fechou o dia com alta de US\$ 0.25 em suas ações na Bolsa de Nova Iorque.

O presidente do BC, acompanhado do diretor da Dívida Externa, deverão ter uma reunião com o comitê credor chefiado por William Rhodes, do Citibank, no dia de hoje ao final da qual o Brasil poderá pagar US\$ 700 milhões dos juros vencidos de janeiro e fevereiro como sinal de progresso nas negociações para um acordo final.